



TIMBRES DESCONHECIDOS EM FALAS SILENCIADAS: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO ENSINO SUPERIOR COM O CONTO “VOZ” DE JARID ARRAES

*TIMBRES IN SILENCED SPEECHES: READING EXPERIENCES IN HIGHER
EDUCATION WITH THE SHORT STORY “VOZ” BY JARID ARRAES*

Cassiene Raissa da Silva Camilo
<https://orcid.org/0009-0008-3301-3576>
Universidade Federal de Campina Grande
cassiene.raissa@estudante.ufcg.edu.br

Tássia Tavares de Oliveira
<https://orcid.org/0000-0002-8705-1681>
Universidade Federal de Campina Grande
tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma proposta de leitura do conto “Voz”, escrito pela autora brasileira Jarid Arraes e publicado no livro *Redemoinho em dia quente* (2019), a partir de experiências docentes desenvolvidas na formação de professores de literatura no curso de Letras. A narrativa retrata a vivência de uma mulher trans chamada Janaína. Por meio de uma leitura reflexiva, oral e coletiva, discutimos sobre o espaço de invisibilidade e silenciamento em que estão situadas as pessoas transgêneras em nossa sociedade, e a necessidade de professores poderem ampliar esse debate para as salas de aulas da educação básica. Conforme ressalta bell hooks (2013), além de querer ouvir um ao outro, precisamos legitimar a existência desse outro. Ao abordarmos o conto em sala de aula, percebemos que a narrativa é embebida de um realismo que denota abusos, violências e traumas que silenciam mulheres transexuais e travestis por consequência do patriarcado, machismo e sexismo (Nascimento, 2021). Portanto, ao ler a história construída por Jarid Arraes, reconhecemos a importância da literatura contemporânea produzida por mulheres como objeto de ensino eficaz no enfrentamento de pautas marcadas enquanto fracturantes, dentre as quais estão as temáticas de gênero e sexualidade expostas no enredo da escritora.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Conto. Ensino. Mulheres trans. Voz.

Abstract: This work aims to present a proposal for reading the short story “Voz”, written by Brazilian author Jarid Arraes and published in her first book of short stories *Redemoinho em dia quente* (2019), based on teaching experiences developed in the training of literature teachers in the course of Letters. The narrative portrays the experience of a trans woman named Janaína. Through a reflective, oral and collective reading, we discussed the space of invisibility and silencing in which transgender people are located in our society, and the need for, after reading the story, teachers to be able to expand this debate to the basic education classrooms. As bell hooks (2013) highlights, in addition to wanting to listen to each other, we need to legitimize the existence of this other person who, without having to meet our expectations, can be present simply by being who they are. When we approach the story in the classroom, we realize that the narrative is imbued with a realism that denotes abuse, violence and trauma that silence transsexual and transvestite women as a result of patriarchy, machismo and sexism (Nascimento, 2021). Therefore, when reading the story constructed by Jarid Arraes, we recognize the importance of contemporary literature produced by women as an object of effective teaching in confronting issues marked as fracturing, among which are the themes of gender and sexuality exposed in the writer's plot. Thus, we lead teacher-readers to become more sensitive to the multiple voices marginalized in our literature.



Keywords: Contemporary literature. Tale. Teaching. Trans women. Voice.

Introdução

Em nossa jornada acadêmica do curso de Letras em Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) o conto “Voz” foi lido em três momentos: 1) enquanto docente matriculada no componente curricular *Literatura Contemporânea Brasileira*, no período letivo de 2022.2; 2) na posição de extensionista voluntária do projeto *Literatura Contemporânea e Estudos de Gênero*, no ano de 2023; e 3) como monitora da disciplina *Literatura Contemporânea Brasileira*, no semestre de 2023.2. Nessas oportunidades, a leitura desta narrativa foi orientada pela Professora Doutora Tássia Tavares de Oliveira e o nosso olhar voltava-se para o título do conto e suas significações, um vocábulo morfológicamente curto, mas foneticamente potente. Ao questionar discentes e docentes, que tinham um contato inicial com a história, acerca deste título, eles destacavam: “Simboliza poder”, “Voz é fala, comunicação, autoria”, “Remete a ideia de expressão, liberdade” e “Identidade!”. Mas, de quem seria essa voz? Para qual direção ecoa? É um som audível ou encontra-se imperceptível? São questionamentos geralmente levantados quando consideramos a palavra que o nomeia e que serão respondidos ao longo deste trabalho.

Para isso, faz-se relevante tomarmos aquilo que o professor José Edilson Amorim disserta no que concerne à leitura literária que efetuamos para a pesquisa em literatura, segundo Amorim (2011, p. 59) “a leitura é um ato de escolha. [...] Essa escolha pode ser de um tema, de um autor, de um livro, de um texto”. Diante disto, a tomada de decisão sobre o que ler para fins pedagógicos e acadêmicos (Amorim, 2011) torna-se ainda mais diversificada quando tratamos da literatura contemporânea que conta com uma infinidade de temas, autores, livros e textos com os quais podemos desenvolver uma aula no ensino superior e na educação básica. Isto é possível porque o escritor contemporâneo diverge dos que o antecederam, suas preocupações e intenções não são as mesmas e essas ponderações estão discurridas em Schollhammer (2011, p. 10) quando evidencia que “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente”. A respeito dessa literatura, executada na contemporaneidade, Perrone-Moisés (2016, p. 35) é enfática ao expor que “são os escritores e não os teóricos que definem, em suas obras, as mutações da literatura”.

Ainda conforme Amorim (2011) essa ação leitora abarca etapas que ocorrem paralelamente uma a outra e são as *atitudes de leitura*, a saber: *analisar* porque “[...] devemos ter pelo texto o mais absoluto respeito e a mais inteligente *desconfiança*; o gesto mais ingênuo e a atitude mais arguta e atenta” (p. 69), *interpretar* em que “[...] a partir da análise e nela baseado, procura explicar os sentidos de um texto, operando uma *mediação* entre este e seus leitores” (p. 72) e *compreender* para “[...] guardar para nós, como se nosso fosse, os sentidos que o texto pôs em circulação numa linguagem de tal forma elaborada que os sentidos não nos são dados de pronto” (p. 76). Entretanto, a respeito da *atitude interpretativa*, Amorim (2011) realiza ressalvas necessárias para que a experiência de leitura não torne-se limitada, pois “primeiro, a interpretação é já uma pretensão muito grande, uma vez que toda leitura é *um* modo de ver; depois, pretender uma visão totalizante é um modo errado de encarar o texto literário” (p. 75).

Isto posto, o conto “Voz” – nossa escolha literária – é de autoria da escritora brasileira Jarid Arraes, natural do município de Juazeiro do Norte no estado nordestino do Ceará, além de contista, Jarid é poeta-cordelista e romancista. A narrativa foi publicada no primeiro livro de



contos da autora, lançado em 2019, reúne um total de 30 histórias e foi vencedor do Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e do Prêmio Biblioteca Nacional. A obra visibiliza a multiplicidade do ser mulher, difundindo o quanto a experiência feminina é singular e individual (Nascimento, 2021). O texto literário “Voz” narra a vivência de Janaína, uma mulher trans que tem suas emoções e aspirações reveladas ao leitor e o seu sonho de participar do *Programa Silvio Santos*¹ relata parte de sua infância, passando por sua adolescência e juventude, até chegar a sua vida adulta, mantendo um final aberto (Eco, 1991), pois cabe ao leitor imaginar se esse desejo foi alcançado em algum momento ou não.

Portanto, com base nos autores já referenciados, e em demais estudiosos citados ao longo do artigo, desenvolvemos este trabalho intencionando proporcionar experiências enriquecedoras à formação docente em literatura do curso de Letras em Língua Portuguesa. Apresentamos uma proposta de leitura efetivada de maneira reflexiva, oral e coletiva da narrativa contemporânea em sala de aula. Dessa forma, objetivamos discutir referente ao espaço de invisibilidade e silenciamento em que estão situadas as pessoas transgêneras em nossa sociedade; e a necessidade de, a partir desta leitura, reconhecer a protagonista do conto enquanto a representação da coletividade transgênera para que possamos ampliar esse debate para as salas de aulas da educação básica, em concordância ao que é apontado por Hooks (2013) quando pensa as disposições e asserções pedagógicas dos professores, a autora infere que “na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (p. 17).

1. Literatura propõe leitura

Estando no terceiro período da graduação em Letras, eis que ouço a seguinte sentença: “Literatura é leitura!”, pronunciada pela professora Tássia quando ainda estávamos no ensino remoto provocado pela pandemia da Covid em 2021. Essa afirmação se ajusta como um bálsamo para os amantes literatos porque pensamos: É só ler. Todavia, com o passar do tempo e com a maturidade que obtemos, descobrimos que há formas de ler, são métodos que aprendemos com professores, textos literários, teóricos da literatura e com os nossos alunos. Por isso, depreendemos que essa leitura pode ser realizada em sala de aula por intermédio de um método reflexivo, oral e coletivo. Assim, unimos o texto literário a mecanismos que fortalecem essa perspectiva das aulas de literatura, conforme preconiza Amorim (2011, p. 80) quando reitera que:

[...] antes de tudo, considerar o texto enquanto massa verbal, enquanto produto da linguagem. O foco é o texto; ele é o ponto de partida. Mas o texto não é algo isolado do mundo. Sua significação mobiliza ideias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto.

Por essa razão, a nossa proposta de leitura incorpora o texto literário ao texto teórico que auxilia nesse percurso por entre a prosa que tece instantes na literatura. Mais especificamente, recorremos a uma leitura que detém uma observação reflexiva, almejando intensificar as leituras e discussões, aprofundando progressivamente os debates acerca da temática central e dos acontecimentos que rodeiam e conectam essa narrativa; em concordância

¹[...] o Programa Silvio Santos (PSS) é, segundo o *Guinness Book* de 1993, o mais duradouro da televisão brasileira. (Rios; Figueiredo, 2016, p. 163)



as constatações examinadas em Mascarenhas (2012, p. 80) quando norteia que “agora, o objetivo é parar para pensar tudo que é apresentado no texto. Durante esta etapa, você deve fazer análises, sínteses e comparações – procedimentos que podem ajudá-lo a compreender os textos e construir uma opinião sobre eles”.

Vinculado à uma leitura reflexiva está o ato de ler oralmente, sonorizando aquela história escrita, modificando o tom da voz a depender da pontuação ali presente ou ausente em algumas composições e modulando as construções sintáticas através do seu aparelho fonador. Lendo lentamente em voz alta, atentando para uma linguagem repleta de palavras – ora perto de um discurso utilizado rotineiramente, ora distante do vocabulário empregado cotidianamente pelos leitores; consoante ao que explicita Alves (2008, p. 25) ao afirmar que:

A leitura oral continua a ser um instrumento indispensável. Às vezes apenas ler e solicitar que cada aluno retome aspectos que chamaram sua atenção e livremente comentar. Outras vezes, ler mais detidamente, conversar sobre a possível experiência humana que está ali condensada.

Essa leitura reflexiva e oralizada quando desempenhada coletivamente instrui-nos a uma leitura que não finaliza ao término do texto. Porém, é contínua na releitura das diferentes vozes presentes em sala de aula, uma leitura que parte da professora-mediadora e é repartida com os alunos-leitores, tornando-se uma experiência partilhada e compartilhada por todos os integrantes de um momento literário, uma ação verificada nos estudos de Alves (2016, p. 218) pois o autor corrobora que:

Ao final das leituras, certamente, os alunos já começam a observar que há diferentes modos de realização oral: uns são mais lentos, outros mais rápidos; outros ainda dão mais inflexão a determinadas palavras, outros leem de modo bastante linear. [...] A questão da leitura oral liga-se a uma necessidade de acordarmos para a importância da voz.

Essas movimentações – refletir, oralizar e coletivizar – resultam em uma leitura que adentra ao cerne da questão norteadora do conto que, apesar de concebido em uma configuração concisa, é repleto de camadas que tensionam-se e levantam problemáticas na esfera social. A precisão deste gênero literário é conceituada pelo crítico Massaud Moisés quando atesta que “o conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (Moisés, 2006, p. 40). Outro crítico literário que marca a concepção desta breve narrativa é Alfredo Bosi, mas nele constatamos essa composição na contemporaneidade brasileira e o quanto beneficia-se do tempo em que é produzida, o autor certifica que “quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” (Bosi, 2015, p. 8). Bem como, observamos os estudos da professora Cândida Vilares Gancho quando identifica que “tanto o conto quanto a novela podem abordar qualquer tipo de tema” (Gancho, 2002, p. 8).

Por conseguinte, considerando a metodologia aqui delineada, promovemos o diálogo do conto “Voz”, estruturado com a finalidade de descrever a resistência de Janaína a partir dos não que recebeu e daquele não articulado, com algumas das proposições difundidas na obra *Transfeminismo* (2021), divulgadas pela professora Letícia Nascimento em uma pesquisa que manifesta o lugar das mulheres trans em nossa sociedade e no movimento feminista:



Firmar mulheres trans, travestis, transexuais e transgêneras dentro do feminismo não é dispersão, tampouco divisão, mas reconhecer como o conceito de gênero propõe a diversidade de performances e experiências femininas ou estabelece negociações culturais estratégicas e de representação política com as mulheridades. (Nascimento, 2021, p. 41)

Acreditamos ser importante expandir essa proposta de leitura para a escola que “[...] é um espaço multicultural, de pluralidade de vivências e caracterizada pela diversidade social” (Costa, 2019, p. 53), ampliando o debate para as salas de aula do ensino básico fundamental anos finais e ensino médio, sendo esse o nosso nível de formação na graduação em Letras. Pois, auxilia na conscientização de adolescentes, jovens e adultos no que se refere a realidade da pessoa trans, em consonância ao dissertado por Costa (2019) que dedica um tópico do seu artigo *A problemática jurídica da transexualidade infantil para além do binarismo* para tratar acerca do papel da escola na preparação cidadã e na demanda sobre assuntos de gênero, trazendo levantamentos declarativos, o autor expressa que:

Ignorar esse debate no espaço escolar é o mesmo que deixar de problematizar estereótipos e preconceitos que geram as desigualdades entre meninos e meninas; é uma forma de manter a ditadura da heterossexualidade e fomentar a violência moral, psicológica, simbólica e silenciosa de gênero. (Costa, 2019, p. 54-55)

Assim, deve haver uma preparação docente para que consigamos comunicar esse tema – relativamente novo – de modo satisfatório aos educandos, inabilitando preconceitos e estereótipos que ocasionam contextos de *bullying*, segundo encaminha Costa (2019, p. 54) quando acentua que “um dos principais desafios enfrentados na atualidade é preparar discentes e docentes para tornar a escola um espaço de inclusão, superando a exclusão e a marginalidade social decorrente de questões econômicas, políticas, religiosas e de gênero”. Deste modo, detemos a criminalização e a violência contra os transexuais, travestis e transgêneros no Brasil, infrações agregadas em discursos religiosos e conservadores, difusores de ódio e intolerância (Vieira; Trentim, 2019) que estabelecem o nosso país como uma nação dizimatória daqueles que não adequam-se a heterocisnormatividade, dados expostos por Vieira e Trentim (2019, p. 155) quando expõem que “o Brasil é mundialmente conhecido como o país com maiores taxas de homicídio em razão de gênero ou orientação sexual”.

2. Timbres desconhecidos em falas silenciadas

A história de Janaína é apresentada ao leitor através de um narrador onisciente e onipresente definido por Gancho (2002, p. 27) enquanto “[...] o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial”. O conto “Voz” é iniciado descrevendo aquilo que “era sua coisa favorita no mundo todo” (Arraes, 2019, p. 72). A criança que Janaína foi um dia tinha fascinação pelo *Programa Silvio Santos*, especialmente, pelo comunicador e pela plateia formada por mulheres que cantavam, entoavam o *jingle* da atração dominical e estrondavam o estúdio com seus gritos e palmas, sendo conduzidas pelo animador do palco.

Referente a este cenário de entretenimento, os jornalistas Rios e Figueiredo (2016) realizaram uma pesquisa verificando o vínculo do apresentador Silvio Santos com as suas



Colegas de trabalho² – título das mulheres que integram o auditório do programa. No estudo que efetivaram “[...] procura-se entender quem são as mulheres que compõe o auditório e os motivos que as levam para participar das gravações” (Rios; Figueiredo, 2016, p. 163-164) e, segundo os autores, “[...] existe uma *comunhão* entre Silvio Santos e o auditório” (Rios; Figueiredo, 2016, p. 164). Os pesquisadores ainda reforçam que:

Mira (1999) defende que a relação entre Silvio Santos e Colegas de Trabalho é uma relação íntima semelhante a de um pai com um filho, que só pode ser estabelecida após uma longa convivência. Para Sousa (2009), a proximidade entre auditório e apresentador começa através de um diálogo que envolve piadas, brincadeiras e interação pessoal. Sousa também elucida que para o público, que participa dos programas, estar ao lado ou próximo de Silvio Santos já é um *grande prêmio obtido*. (Rios; Figueiredo, 2016, p. 165)

Porém, a narrativa “Voz” expõe que no dia ao qual a televisão exibiu esse espetáculo era o dia em que os pais de Janaína intensificavam as brigas do casal, as discussões eram introduzidas pela manhã e estendiam-se em desavenças pelo restante do domingo. Com pausa para os atritos na hora do almoço e quando o *Programa Silvio Santos* começava, isto porque “é possível notar que Silvio Santos projeta uma imagem (*ethos*) de alegria, diversão e felicidade” (Rios; Figueiredo, 2016, p. 164). Naquele instante o silêncio reinava, somente as vozes de Silvio, de sua plateia e de seus convidados eram ouvidas. Janaína ia para o seu lugarzinho na sala, protegida entre a parede e o braço do sofá, ria e ouvia o riso de sua família, era o momento de refrigério da criança que habitava o sertão cearense e estava tão distante do seu ídolo.

Aliás o seu nome poderia ter sido Silvia, mas por amor ao pai, mesmo que este nunca a tenha reconhecido, nomeou-se em homenagem a ele, pois “[...] lembrou que o pai amava o nome “Janaína”. Dizia que, se tivesse uma filha mulher, que o nome seria esse” (Arraes, 2019, p. 72). E a fantasia em ser parte daquele show crescia junto com a menina, Silvio era o salvador de sua realidade difícil, a mágica da televisão materializava-se em Janaína e para ela tudo o que o comunicador realizava tinha um significado positivo, era belo e possível, esse fenômeno é explicado, com base em diversos teóricos, por Rios e Figueiredo (2016, p. 169) quando concluem:

Assim, ele consegue projetar o *ethos* de identificação proposto por Charaudeau (2008), já que as pessoas percebem que ele, apesar de um mito olímpico, como coloca Morin (1997), é humano e possui características próximas das que elas possuem. Para Auchlin (p. 205), o emissor do *ethos* só inspira confiança no receptor se projetar três qualidades: benevolência, prudência e virtude. Essas qualidades, segundo os dados apresentados, são emitidos por Silvio Santos ao seu auditório.

Lembremos que Janaína é a protagonista desta história porque “[...] é o personagem principal [...] com características superiores às de seu grupo; [...]” (Gancho, 2002, p. 14). Contudo, Silvio Santos é um personagem numa perspectiva do irreal, um ser idealizado que não participa diretamente da narrativa, mas é, sucessivamente, mencionado e torna-se uma figura importante para o enredo. A partir do sonho que Janaína tem de participar do seu programa, conhecemos a vivência da personagem que sinaliza as disparidades ocorridas entre fã e ídolo.

²A proximidade de Silvio Santos com as Colegas de Trabalho começa, como observa Sousa (2008, p. 3), a partir do instante em que o apresentador as chama de “*minhas colegas de trabalho*”. O uso do pronome possessivo de primeira pessoa cria proximidade. (Rios; Figueiredo, 2016, p. 167)



Se de um lado temos, assistido pela tela de um aparelho televisivo, um homem oriundo de uma origem humilde, agora com um império bilionário, amado e ovacionado por multidões, com o seu direito de fala respeitado e tendo a sua voz ouvida e reproduzida em mídias sociais. Do outro lado temos uma jovem sem o acolhimento dos seus pais, desprezada pela cabeleireira que lhe concede um emprego de varrer um salão de beleza porque é amiga de sua mãe, mas humilha e rejeita a menina, assim como é hostilizada por vizinhos que insistem em chamá-la pelo pronome “ele”, mesmo Janaína validando-se como “ela”, um reconhecimento social não conquistado por completo, conforme relata Nascimento (2021, p. 173) ao certificar que “não raro, mulheres transexuais e travestis precisam reafirmar o uso correto dos pronomes em seus tratamentos, o que reitera o argumento de que o gênero é uma categoria socialmente relacional”. Consequentemente, na mesma proporção que Silvio fala, Janaina cala.

A escritora Jarid Arraes tinha consciência do impacto que esse enredo causaria no leitor ao inserir uma figura tão marcante, no cenário da comunicação nacional e internacional, neste conto. A voz de Silvio Santos é única e inconfundível, imitada pela maioria dos humoristas brasileiros e por pessoas comumente anônimas. A sua trajetória é descrita em biografias, séries e filmes; como atesta Martins (2017, p. 174) ao registrar que “sua vida já foi tema de publicações em numerosas revistas, reportagens em jornais e emissoras de televisão, vídeos na internet, documentários, trabalhos de conclusão de curso em Comunicação e samba enredo de carnaval”. Ou seja, o fundador e proprietário do *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT), uma das maiores emissoras de televisão do Brasil, já foi a personalidade mais amada e notabilizada para a presidência da república em nosso país e “[...] ganhou confiança da opinião pública, sendo considerada a pessoa mais admirada do Brasil em 2011” (Rios; Figueiredo, 2016, p. 166).

O Senhor Abravanel tem a comunicação como uma técnica de permanência pessoal e profissional, pois foi camelô, locutor de rádio, quase perdeu a fala por problemas de saúde na década de 1980, já atribuiu o sucesso que carrega a sua voz e por mais de cinco décadas apresentou um programa de auditório em quadros de interação direta com diversas pessoas. Dentre esses quadros está o *Concurso de Transformistas* exibido pelo SBT, na grade do *Programa Silvio Santos*, nas décadas de 1980 a 1990 e voltando a ser produzido nas décadas de 2000 e 2010 (Lima, 2022). A respeito deste concurso, a atriz e cantora Claudia Wonder – mulher trans que foi também uma colunista e militante da causa LGBTQIAPN+ – comenta em seu livro que “Silvio Santos, por exemplo, realizava todos os anos, durante o carnaval, um concurso que elegia o mais belo transformista, em que fazia questão de chamá-los pelo nome de homem, causando assim espanto e risadas da platéia” (Wonder, 2008, p. 157).

Salientamos que, de acordo com Nascimento (2021, p. 109-110), os anos de 1980 marcaram a intervenção científica na avaliação médica da pessoa trans, a autora destaca:

E seguem pontuando que foi nos anos de 1980 que os interesses por produzir um diagnóstico diferenciado para as subjetividades trans* ganharam concretude. Primeiro com a incorporação de transexualidade na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e, logo em seguida, a Associação de Psiquiatria Norte-Americana (APA) aprovou a terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), classificando transexualidade na lista dos “Transtornos de Identidade de Gênero”.

No conto “Voz”, já adulta, é do *Concurso de Transformistas* que Janaína quer participar, esse é um caminho que ela acredita ser a conexão que a levará até Silvio Santos, conforme observamos no seguinte trecho: “Janaína tapou a boca com as duas mãos, segurou a respiração.



Lembrava desse quadro. Era aquele em que homens se maquiavam, colocavam vestidos, e ganhava quem melhor imitasse uma mulher” (Arraes, 2019, p. 74). Mas, não tinha recursos para de imediato inscrever-se, era de uma condição social humilde, guardava R\$148,00 em dinheiro, poucos itens de maquiagem, alguns sapatos de salto alto e uma roupa de festa que comprou após a morte do seu pai – o vestido “era bonito, cheio de paetês azuis, mas sem decote” (Arraes, 2019, p. 76).

O narrador não detalha, mas inferimos que foi com a partida de seu pai que Janaína assumiu o seu lugar de mulher no mundo, uma luta travada por um ícone fictício e por seres reais, como acentua Nascimento (2021) no terceiro capítulo do seu livro, intitulado *Transfeminismo: Tensionando Feminismo e Além*, a pesquisadora ratifica que “desse modo, a criação do transfeminismo surge como a concepção de outra linha de batalha para atuar contra o sexismo e a transfobia e pautar políticas específicas de reconhecimento do segmento trans” (Nascimento, 2021, p. 72). E segue afirmando a importância deste movimento ao aferir que “a decisão favorável, de certa maneira, legitima a compreensão de que mulheres transexuais e travestis podem ser sujeitas do feminismo, ao serem reconhecidas em suas mulheridades e/ou feminilidades” (Nascimento, 2021, p. 74).

Tendo organizado o seu figurino, Janaína precisava gravar-se, mas não tinha câmera. Não encontrava emprego para ter uma renda mensal, pois em sua região não queriam contratá-la e não é explícito ao leitor o seu grau de escolaridade. Por isso tem a ideia de vender salgadinhos na rua, visto que já fazia bolos e salgados para festas. Assim torna-se vendedora ambulante e autônoma. Essa realidade de uma evasão escolar e da falta de oportunidades profissionais para a mulher trans é registrada, por meio de dados oficiais, na pesquisa de Nascimento (2021), a autora confere a falta de um suporte familiar e educacional, em um campo formal, para travestis e transexuais, segundo Nascimento (2021, p. 178) “[...] travestis e transexuais são expulsas de casa (aos treze anos de idade) e da escola (estima-se que 72% da população trans* não possua ensino médio) [...]”. Uma ausência que as insere em uma conjuntura de necessidades básicas, acarretando a sua entrada em empregos que são subempregos porque não garantem seus direitos trabalhistas e muitas ingressam na prostituição como um meio de sobrevivência. Uma circunstância que destrói o seu corpo social antes de matar o seu corpo físico, é o que Nascimento (2021, p. 178-179) manifesta:

A grande questão é que, para muitas, essa é a única opção de trabalho, já que os empregos formais excluem travestis e transexuais não apenas por conta da transfobia estrutural, mas também pelo fato de elas não terem componentes mínimos exigidos em muitos empregos, tais como o ensino médio completo. Ou seja, a vulnerabilização de classe é um componente importante que empurra travestis e transexuais para um aniquilamento social anterior ao extermínio físico.

Com os materiais prontos, salgados fritos e assados, chegou o momento de vendê-los. Moramos em um país caloroso e energético, vendedores e compradores comunicam-se, em espaços públicos, com o tom de voz elevado para ouvirem um ao outro. Habitualmente presenciamos os métodos de vendas desses profissionais, uma linguagem simples e popular que objetiva atrair a atenção e o interesse dos consumidores. Desde o famoso grito dado no centro da cidade: “Chip da Oi! Quem vai querer?”, até as ‘gracinhas’ na feira central: “Moça bonita não paga, mas também não leva!” e os *clichês* de produtos em promoção: “Só hoje, leve três peças por R\$10,00 para queimar o estoque”. Enfim, socializamos com esses trabalhadores, eles emitem o seu produto e ‘vendem o seu peixe’ sonorizando as suas qualidades. Mas, Janaína não



fala, é silenciada desde a infância e segue da mesma forma, sendo vozeada pelos clientes que compravam os seus salgados, por eles era tida como ‘muda’ porque não emitia palavra nenhuma e “calada, Janaína se sentou na calçada do hospital e virou a cesta para a porta de entrada” (Arraes, 2019, p. 75).

Uma vida em silêncio, ainda que quisesse a mulher representada no conto “Voz” não falaria; pois nem consegue nem pode e “de alguma forma, ficava muito mais discreta, como se diminuísse de tamanho e as pessoas só enxergassem a dó que sentiam da pobre moça que apenas gesticulava” (Arraes, 2019, p. 75). A menina que sempre almejou ouvir a voz de Silvio Santos de perto e ser parte das vozes da plateia do programa dominical, teve a sua própria voz silenciada por causa da transfobia que sempre sofreu, denotando que indivíduos transexuais são excluídos socialmente “[...] pelo fato dos mesmos não se enquadrarem na dicotômica concepção macho e fêmea. Trata-se de uma forma de retirar do sujeito a liberdade de construir sua individualidade, oprimindo e classificando-o como fora da moldura tradicional e dos padrões autopoieticamente estabelecidos” (Costa, 2019, p. 50).

Janaína fez-se inexistente, calou a boca, baixou o olhar, cobriu o rosto com os seus cabelos e obtinha o pagamento, das vendas que realizava, com as mãos em formato de ‘cumbuca’ como quem pede e recebe uma esmola. Ação essa testemunhada por Nascimento (2021) quando discorre sobre a vivência de múltiplas mulheres trans que antecederam o enfrentamento por uma vida digna no tempo vigente, são citadas pela autora: Xica Manicongo, Céu Cavalcanti, Dandara Kettley, Mariah Rafaela Silva, entre muitas, Nascimento (2021, p. 49) ressalta que “em uma perspectiva histórica de gênero e sexualidade, as transgeneridades ocupam um lugar de não existência: como mulheres transexuais e travestis, somos forasteiras da humanidade, estrangeiras do gênero”.

No conto a missão é cumprida, clientes alcançados, produtos vendidos, valor arrecadado e câmera comprada à vista. Janaína agradece ao Silvio e prepara o cenário. Seu nome artístico é Sylvia por causa do apresentador. Sozinha, monta-se inteira – figurino, cabelo, maquiagem, dublagem e coreografia – performance executada e concluída. A gravação está pronta e é encaminhada ao seu destinatário. Todavia, percebe que não é transformista, não é artista, é Janaína, uma mulher que sempre esteve ali, ainda que não vissem nem ouvissem. Estava tentando algo para impulsionar a sua vida, ver o ‘dono do baú’ ao vivo e a cores. Não importava ganhar o concurso nem falar quando estivesse no palco de ‘sua coisa favorita’, altas ambições não faziam parte dos seus ideais, importava chegar lá, pois “Silvio Santos vem aí, agora é só esperar” (Arraes, 2019, p. 77) e ficar no aguardo por algo era um comportamento natural para Janaína que “seguia a vida em modo espera” (Arraes, 2019, p. 73).

Considerações finais

Para onde foi Janaína? Onde estão as Janaínas? Quais espaços ocupam as mulheres trans? Esses questionamentos surgiram entre graduandos e professores que participaram das leituras do conto “Voz”. Interrogações que permeiam o texto literário e os estudos de Letícia Nascimento, nossa principal fonte teórica, pondo essas perguntas em sua enunciação, pois a luta feminista é uma pauta presente no âmbito acadêmico, todavia não está proferida (também) por mulheres trans conforme ratificado pela pesquisadora quando aponta que “[...] na prática, nós, mulheres transexuais e travestis, ainda somos invisibilizadas. [...] quantas feministas citam experiências e produções de mulheres transexuais e travestis?” (Nascimento, 2021, p. 83). Deste modo, a autora protesta por esse local de fala para além de relatos de experiência, mas enquanto



agentes do transfeminismo que é “[...] um movimento epistêmico e político feito por e para mulheres transexuais e travestis” (Nascimento, 2021, p. 70).

Olhar reflexivamente para o conto “Voz” debruçadas nos estudos da obra *Transfeminismo* mostrou-se relevante e necessário em nossa proposta de leitura porque otimiza vozes reais. Na breve narrativa quem conhecia Janaína nutria um ódio à sua pessoa consequente da transfobia e quem não conhecia possuía compaixão por ela porque a enxergava como alguém necessitado de ajuda. Uma dinâmica que reflete um não protagonismo por parte da personagem principal do texto literário e espelha conjunturas factuais, de acordo ao que Nascimento (2021, p. 88) analisa quando discorre que “as mulheres transexuais e travestis sempre tiveram de lutar para serem aceitas, mesmo em espaços sociais de reivindicação, o que estabeleceu disputas para o exercício do seu protagonismo”.

Em suma, ser ouvido é um anseio humano, essa voz parece algo inato a homens e mulheres. Porém, observamos que Janaína calou-se na infância enquanto os pais enlaçavam-se em conflitos, calou-se na adolescência e juventude quando indivíduos externos demonstravam sentir asco a sua presença e calou-se em sua vida adulta na ocasião em que precisou empreender porque não encontrava uma empresa que a contratasse. Com isso, na situação de docente em formação e discente contínua, encontraremos Janaína(s) em salas de aula e ler o conto “Voz”, ter acesso a histórias reais nos textos teóricos que estudamos e interagir com alunos-professores sobre a literatura contemporânea feita por mulheres são procedimentos que nos preparam e instigam ao reconhecimento desses timbres desconhecidos nessas falas silenciadas, garantindo os seus direitos e rememorando os nossos deveres enquanto sujeitos que leem, escutam, pesquisam, ensinam e aprendem em conjunto.

Referências

ALVES, José Hélder Pinheiro. Caminhos da Abordagem do Poema em Sala de Aula.

Graphos. João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008 ISSN 1516-1536.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Estratégias para o Ensino de Poesia. In: **Poesia na Era da Internacionalização dos Saberes:** Circulação, Tradução, Ensino e Crítica no Contexto Contemporâneo. (Org.) Maria Lúcia Outeiro Fernandes, Paulo Andrade e Charles A. Perrone. São Paulo (SP): Cultura Acadêmica, 2016. p. 207-227.

AMORIM, José Edilson. Leitura, análise e interpretação. In: Hélder Pinheiro. (Org.).

Pesquisa em literatura. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p. 59-93.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente.** 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** 16 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

COSTA, Fabrício Veiga. A Problemática Jurídica da Transexualidade Infantil para além do Binarismo. In: Tereza Rodrigues Vieira. (Org.). **Transgêneros.** Zakarewicz: Brasília (DF), 2019, p. 41-61.

ECO, Umberto. **Obra Aberta:** Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.



GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. Silvio Santos no rádio: uma história a ser contada. **Revista Brasileira de História da Mídia**. ISSN: 2238-5126. Vol. 6 | No 2 | jul./dez. 2017.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa 1. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RIOS, Ricardo Matos de Araújo; FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. O Auditório do Povão: a ligação entre as Colegas de Trabalho e Silvio Santos. **Revista Brasileira de História da Mídia** - v.5, n.1, jan./2016 - jun./2016 - ISSN 2238-5126.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira na contemporaneidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, Tereza Rodrigues; TRENTIM, Raynan Henrique Silva. Relações de Gênero, Diversidade Sexual nas escolas e Reconhecimento de Direitos às Pessoas Trans. *In*: Tereza Rodrigues Vieira. (Org.). **Transgêneros**. Zakarewicz: Brasília (DF), 2019, p. 145-159.

WONDER, Claudia. **Olhares de Claudia Wonder**: crônicas e outras histórias. 1 ed. São Paulo: Edições GLS, 2008.